



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13º Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3º Jornada de Tecnologia e Inovação

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA: percepções docentes sobre o manejo de sinais de TEA e TDAH na ausência de um diagnóstico formal

Laura Regina Lopes Zimmermann, Fabiola Hermes Chesani, Carina Nunes Bossardi, Juliana Vieira de Araújo Sandri
Saúde Coletiva - Saúde Pública

A literatura descreve o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) como condições do neurodesenvolvimento que costumam impactar o funcionamento acadêmico, exigindo uma resposta sensível no contexto escolar. Na escola, a ausência de reconhecimento e de manejo adequado associa-se a riscos clínicos e psicossociais, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas específicas. Embora a adoção de estratégias de apoio deva ser tempestiva, o diagnóstico precoce nem sempre é factível, tanto por barreiras de acesso a avaliações e terapias especializadas, quanto pela complexidade do itinerário até o cuidado. Além disso, a sobreposição de manifestações entre TEA e TDAH e a presença de comorbidades geram incertezas na idade escolar, exigindo avaliações abrangentes e multidimensionais. Em particular, sinais como agitação psicomotora, inquietação e lapsos atencionais podem refletir aspectos de imaturidade do neurodesenvolvimento e são pouco específicos quando descontextualizados, o que recomenda cautela na interpretação isolada desses indicadores. Nessa conjuntura, a escola é convocada a implementar apoios pedagógicos desde já, em paralelo ao percurso clínico, para mitigar prejuízos sem recorrer a classificações precipitadas. A escola, como ambiente natural de aprendizagem e socialização, é um território estratégico para intervenções que integrem evidências e práticas inclusivas, reconhecendo a influência do meio sobre trajetórias de desenvolvimento e plasticidade. Diretrizes de educação inclusiva orientam o acolhimento da diversidade e a adaptação do ensino às necessidades dos estudantes, valorizando a participação e a pertença. Além disso, abordagens informadas pela neurodiversidade recomendam cuidado ético contra a normalização forçada, favorecendo estratégias que respeitem perfis cognitivos e sensoriais e sustentem o trabalho docente. Diante desse quadro, este estudo tem por objetivo analisar, nas respostas docentes a uma vinheta clínica-pedagógica (caso "João"), as estratégias pedagógicas consideradas eficazes para favorecer participação e aprendizagem, na ausência de um diagnóstico formal. Este é um estudo qualitativo, de caráter descritivo-interpretativo, inserido num subprojeto de colaboração com o grupo NeuroEpigenEthics (Universidade de Antuérpia, Bélgica). Seu escopo busca integrar contextos familiar e escolar na formulação de estratégias de manejo para estudantes com TDAH e TEA. A pesquisa foi conduzida em escolas públicas da 17ª Coordenadoria Regional de Educação (Itajaí), com apoio do Núcleo de Educação e Prevenção (NEPRE), e em escolas públicas de Barra Velha. A amostra, por conveniência, foi composta por dez professores do ensino fundamental, com experiência direta em estudantes com suspeita ou diagnóstico de TDAH/TEA. A abordagem privilegiou a escuta situada e o diálogo horizontal, característicos de metodologias comunitárias e problematizadoras em educação. O instrumento de coleta de dados consistiu em uma entrevista semiestruturada, ancorada em uma vinheta clínico-pedagógica (caso "João"). Foram realizadas perguntas sobre manejo, apoios e dilemas percebidos na prática. As entrevistas foram gravadas, transcritas e anonimizadas, sendo adotados pseudônimos de cores para proteger a identidade dos participantes. Um diário de campo foi utilizado para registrar notas contextuais e de reflexividade, a fim de sustentar o rigor interpretativo. A análise dos dados foi fundamentada na Análise de Conteúdo, conforme a perspectiva de Laurence Bardin. O processo analítico seguiu as três fases propostas pela autora: pré-análise (familiarização, leitura flutuante, organização e formulação de ideias); exploração do material (codificação e categorização dos dados, identificando padrões e unidades de significado); e tratamento e interpretação dos resultados (atribuindo sentido às manifestações e dialogando com o referencial teórico). Foram observados procedimentos éticos de consentimento, confidencialidade e proteção de dados, em consonância com as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número de protocolo de aprovação [INserir Número de Protocolo]. A análise das respostas dos dez docentes, identificados por nomes de cores para preservar sua identidade (Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Índigo, Violeta, Rosa, Marrom e Cinza), revelou uma variedade de estratégias pedagógicas empregadas na ausência de um diagnóstico formal para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13º Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3º Jornada de Tecnologia e Inovação

Hiperatividade (TDAH) no cenário hipotético do "caso João". As categorias principais identificadas por meio da Análise de Conteúdo foram: Adaptação de Atividades e Conteúdo, Manejo do Ambiente e da Interação em Sala de Aula, Busca por Informação e Suporte, Abordagem Individualizada e Empatia, e Adaptação Sensorial e Manipulação. A "Adaptação de Atividades e Conteúdo" emergiu como uma categoria proeminente nas respostas dos participantes. O participante Laranja, por exemplo, mencionou a prática de "fazer atividade adaptada", modificando o material didático para atender às necessidades do aluno. De forma similar, o participante Índigo destacou a importância de "procurar atividades diferenciadas dentro do seu componente e que fosse um pouco mais atrativa a esse aluno", sugerindo a busca por tarefas mais envolventes. A redução da carga de trabalho também foi mencionada, com o participante Vermelho referindo-se a "reduzir o número de atividades". Essas abordagens alinham-se com a literatura que enfatiza a flexibilidade curricular e a diferenciação pedagógica como elementos importantes para a educação inclusiva. Nota-se a compreensão tácita dos docentes de que alunos com comportamentos sugestivos de neurodiversidade possuem ritmos e modos de aprendizado distintos, mesmo na ausência de um laudo formal. O "Manejo do Ambiente e da Interação em Sala de Aula" constituiu outra categoria significativa. Estratégias focadas na organização espacial e na interação com o aluno foram descritas. O participante Amarelo relatou táticas como "colocar ele com outra criança que é mais calma ou um outro que identifica mais assim sabe, ou procuro botar perto de mim e tentar fazer usar outra estratégia que ele consegue se aquietar", denotando tentativas de gerenciar o comportamento por meio da disposição na sala e da interação próxima. O participante Azul mencionou a permissão para pausas, como "tentar dar um tempo maior pra ele fazer as atividades, se precisar tomar uma água ele sai, respira pra se acalmar", visando controlar a inquietação. A atribuição de tarefas de "ajudante", como sugerido pelo participante Vermelho ("eu sugiro que eles sejam meu ajudante"), também foi identificada como uma forma de canalizar a energia do aluno. Tais ações, muitas vezes intuitivas, se alinham com estudos que investigam a interação social no contexto pedagógico de alunos autistas, ressaltando as possibilidades de desenvolvimento e aprendizado em relações estabelecidas em sala de aula. A gestão do ambiente e a interação próxima podem fomentar o engajamento e a participação social. A "Busca por Informação e Suporte" evidenciou a proatividade individual dos docentes na ausência de um diagnóstico formal e, por vezes, de apoio institucional estruturado. O participante Amarelo mencionou a pesquisa autônoma ("eu que pesquiso mesmo na internet"), indicando um esforço individual para obter conhecimento. O participante Cinza referiu-se à participação em formações ("uma formação pedagógica né, pra conhecer bem o caso"), mesmo que oferecidas em nível municipal ou institucional. A busca por apoio interno na escola também foi destacada pelo participante Índigo ("procurar os profissionais que nós temos na escola, o psicopedagogo, a psicóloga, um reforço escolar"). Este achado sublinha a relevância das necessidades formativas dos professores da Educação Básica, que, segundo estudos, apontam um percentual significativo de docentes com necessidades formativas de nível moderado a alto para a demanda de alunos com Educação Especial em classes comuns. A pesquisa e a participação em formações, mesmo que autônomas, refletem a percepção dos professores de que o conhecimento sobre TEA e TDAH é crucial para uma prática pedagógica mais eficaz. A "Abordagem Individualizada e a Empatia" emergiram como pilares conceituais que fundamentam muitas das estratégias práticas. O participante Laranja ressaltou a necessidade de "tratar o aluno como indivíduo né, cada um, tem que ter o olhar individual", enfatizando o reconhecimento da singularidade de cada estudante. De forma complementar, o participante Azul destacou a importância da empatia ("ter empatia, perceber que cada aluno tem a sua individualidade, suas necessidades, tentar manter sempre a calma e buscar entender o aluno"), indicando a relevância de uma postura compreensiva por parte do docente. Essa perspectiva coaduna com a pesquisa que enfatiza a competência relacional dos professores e a importância de professores que compreendem o autismo para apoiar alunos autistas, o que envolve não apenas conhecimento, mas também uma capacidade intuitiva de responder e apreciar esses alunos. A compreensão da individualidade é fundamental para o sucesso da inclusão. A introdução de "Adaptações Sensoriais e Manipulativas", mencionada pelo participante Cinza (que atua em instituição especializada e possui formação específica em áreas como autismo), apontou para um nível mais técnico de intervenção. Ele descreveu o uso de recursos como "colocar um elástico na mesa, na parte de baixo, esses elásticos de fisioterapia, pra eles ficar flexionando as pernas" e "algum objeto pra ele tá manipulando na mão, enquanto ele tá fazendo alguma atividade, aquelas bolinhas de fisioterapia, o balãozinho". Essas estratégias visam canalizar a agitação e auxiliar na concentração por meio da estimulação tática e proprioceptiva. A menção dessas táticas por um profissional com formação especializada evidencia a vantagem de se ter docentes com conhecimento em educação especial ou áreas afins, que podem enriquecer o repertório de estratégias para lidar com as especificidades do neurodesenvolvimento. Em conjunto, os achados oferecem contribuição prática e teórica ao mapear repertórios de baixo custo e alta aplicabilidade para sustentar



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13º Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3º Jornada de Tecnologia e Inovação

participação e aprendizagem enquanto se aguarda avaliação especializada. A relevância do estudo reside em delinear soluções pedagógicas açãoáveis, informar desenho de ações formativas e subsidiar protocolos escolares de apoio e articulação com a saúde. Contudo, há limites: amostra por conveniência (n=10) em dois municípios; foco analítico em uma única pergunta de entrevista semiestruturada baseada em vinheta; dados autorrelatados, com possibilidade de deseabilidade social; e ausência de triangulação com observações em sala ou com familiares/gestores. Não se pretende generalização estatística. Como implicação, recomenda-se ampliar participantes e escolas, incluir múltiplas fontes de evidência e questões, comparar segmentos de ensino e testar a implementação das estratégias em estudos de intervenção. O estudo identifica estratégias pedagógicas açãoáveis na ausência de diagnóstico formal. As respostas docentes priorizam adaptações instrucionais, manejo do ambiente, apoio individualizado e recursos sensoriais. A busca ativa por informação e suporte interno emerge como prática recorrente. A empatia e o reconhecimento da singularidade do aluno sustentam decisões cotidianas. A análise evidencia necessidades formativas contínuas e organização escolar que apoia o professor. A articulação entre escola, família e serviços de saúde se mostra central. A vinheta clínica-pedagógica se confirma como dispositivo útil para reflexão e planejamento. A abordagem categorial-temática oferece rastreabilidade e sentido interpretativo. O recorte por conveniência e o foco em uma pergunta delimitam a generalização. O estudo orienta ajustes curriculares e ações formativas. A agenda de pesquisa futura inclui ampliar participantes e comparar contextos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade; Educação Inclusiva

Referências

- ANDERSON, Connie et al. "Getting Autism": Educators, Parents, and Autistic Adults and Teens Reflect on the Importance of Teachers Who Understand. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s.l.], p. 1-18, 14 maio 2024.
- APA - American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
- ARAÚJO, J.; COSTA, J. S. G. Compreender: reflexões Bourdieusianas sobre a interação de entrevista. *Revista Inter-legere*, Natal, n. 9, p. 296-300, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CERVIN, M. Developmental signs of ADHD and autism: a prospective investigation in 3623 children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 32, p. 1969-1978, 2022. CHAPMAN, R.; BOTHA, M. Neurodivergence-informed therapy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, v. 65, n. 3, p. 310-317, 2023.
- CICCHETTI, D.; BLENDER, J. A. A multiple-levels-of-analysis perspective on resilience: implications for the developing brain, neural plasticity, and preventive interventions. *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 1094, n. 1, p. 248-258, dez. 2006. FRENCH, B. et al. Risks Associated with Undiagnosed ADHD and/or Autism: A Mixed-Method Systematic Review. *Journal of Attention Disorders*, v. 27, n. 14, p. 1569-1584, 2023. MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP, v. 21, n. 2, p. 215-224, maio/ago. 2017.
- OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. *Promoting well-being and mental health in schools*. [s.l.]: PAHO, 2022.
- PLANTIN EWE, L.; HOLMQVIST, M.; BÖLTE, S. Teachers' relational competence: perceptions of teachers and students with and without ADHD and ASD. *Emotional and Behavioural Difficulties*, [S. I.], v. 28, n. 2-3, p. 198-215, 19 out. 2023.
- RODRIGUES, S. R. M. C.; SALES, L. C. Necessidades formativas do professor frente à demanda de alunos da Educação Especial em classes comuns. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Dourados, v. 30, e0097, p. 1-16, 2024.



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13º Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3º Jornada de Tecnologia e Inovação

VELARDE, M.; CÁRDENAS, A. Trastorno del espectro autista y trastorno por déficit de atención con hiperactividad: desafíos en el diagnóstico y tratamiento. *Medicina (Buenos Aires)*, Buenos Aires, v. 82, n. Supl. III, p. 67-70, 2022.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S; ZANON, R. B.. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, 2020. ZAHID, N.; JAMIL, A.; NAWAZ, I. Behavioral problems and academics of children in inclusive education - A cross-sectional survey. *Heliyon*, [S.I.], v. 9, e13496, 2023.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) – Edital de Chamada Pública nº 51/2024 – Programa de Ciência, Tecnologia e Inovação de Apoio aos Grupos de Pesquisa da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE).